

Foram afetados naquele ano 1 milhão e 516 mil pés de café nos quatro estados. As conseqüências das geadas de 1978 ainda são desconhecidas.

O único alento para a produção poderia ser a renovação dos cafezais atingidos. Em 1975 alguns foram totalmente dizimados, outros tiveram apenas sua produção reduzida. Mas a recuperação das áreas atingidas não chega a dar muita esperança.

Comercialização e desestímulo

A comercialização está sendo criticada por muitos setores ligados ao café. Os produtores alegam que a política de preços não é compensadora. Eles exigem novas estratégias para melhorar a comercialização. José Francisco Malta, Vice-Presidente da Sociedade Rural Brasileira declarou à imprensa que a diferenciação de preços para os mercados externo e interno é a principal culpada pela queda nos preços e o conseqüente prejuízo dos produtores. Com isso os produtos vêm-se temerosos pela renovação das culturas.

Uma coisa liga-se à outra. O desestímulo na produção e a baixa comercialização provocaram uma redução nos estoques. Só que foi demasiada. Aliás desde 1962 os estoques vêm sendo reduzidos. Naquela época houve superprodução e um volume de 48 milhões de sacas em excesso que o governo foi obrigado a eliminar. Está aí, um dos principais problemas que surgiram no setor. Os estoques caíram demais e a comercialização enfrenta problemas.

Entraves na Exportação

Carlos Roberto Tavares, encarregado do escritório da Stockler — Comercial e Exportadora de Café S.A., demonstra os problemas na cafeicultura.

Ele enfoca a concorrência que o Brasil sofre de outros produtores e a política de exportação; para ele o maior problema:

— Acredito que temos sofrido concorrência de uma série de outros produtores. Eles têm uma política de vendas mais agressiva que a nossa. Além disso, oferecem seu produto a preço relativamente mais barato que

o nosso. O café brasileiro é mais caro porque temos uma política de exportação equívoca.

Tavares continua dizendo que a falta de incentivos e certas obrigações que o produtor tem fazem o produto brasileiro se apresentar mais oneroso.

— Embora o café do Brasil tenha mais tradição no mercado, o outro tem melhor preço e é claro que os compradores escolhem o mais barato. A nossa política de exportação de café deveria ser outra. Todo produto exportado recebe uma série de subsídios. Mas o café não. Os produtos manufaturados têm incentivos e até prêmios de exportação. O café sequer é considerado produto manufaturado, embora passe por vários processos. Além de não receber incentivos, nosso café tem que pagar o ICM e a taxa cambial. O produtor tem ainda despesas de armazenagem, transporte e o contato com o comprador no exterior. Essas despesas oneram ainda mais o produto, que chega lá fora mais caro.

As geadas também foram apontadas por Tavares como possível entrave.

— Essas recentes geadas poderão afetar a comercialização, mas, creio, isso só será conhecido nos próximos meses. Não tenho ainda conhecimento sobre as conseqüências das geadas.

Embora a comercialização com outros países ainda sofra entraves, a verdade é que o volume de exportação é alto. Para atender essas exportações existem os estoques, entretanto estes nem sempre atendem à demanda.

— Sobre estoques não gostaria de dar muitas informações. Não tenho dados suficientes sobre eles. É fato sabido que os volumes estocados algumas vezes são excessivos e às vezes são insuficientes. Variando de época para época. Muitas vezes temos disparidades entre estoques e demanda. Uma coisa acontece, principalmente nos Estados Unidos. Quando há notícias de pouca produção ou estoques baixos eles compram menos, isso para evitar uma elevação nos preços. A mentalidade lá é diferente da nossa. Aqui, se vai faltar compramos logo, lá não. Eles esperam para ter mais e o preço continuar baixo.



Depois das geadas de 75, poucos cafeeiros ficaram intactos.

Estoques baixíssimos

Enfatizando o problema dos estoques José Ari Morales Agudo, Presidente da Comissão Técnica do Café da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, declara:

— O mercado de café, apesar das últimas conseqüências climáticas encontra-se paralisado. Creio que os efeitos só serão sentidos no próximo ano. Mesmo assim as coisas continuam ruins para o produtor.

Morales fala da produção e dos estoques.

— Creio que não conseguiremos sequer ter uma produção de 14 milhões e 500 mil sacas de café. Isso afeta tanto o mercado interno como o externo. Os estoques são baixíssimos. Neste ano não chegaremos a 20 milhões de sacas estocadas, quando o ideal seria o dobro disso. Tivemos no passado uma euforia muito grande do governo em melhorar a balança comercial brasileira, às custas do café. Então tínhamos muito café estocado. Chegamos a ter 70 milhões de sacas. O governo foi "jojando